

OPINIÃO

28 DEZ 2007

Economia - Brasil

Ano positivo para continuar a lição de casa

MÁRCIO ARTUR
LAURELLI
CYPRIANO*

No início de 2007 havia dúvidas quanto às boas perspectivas da economia brasileira. Elas se desfizeram à medida que as estatísticas mensais e trimestrais foram se sobrepondo ao longo do ano. Tome-mos a variação do Produto Interno Bruto (PIB). No período de 12 meses encerrado em setembro, este indicador apresentou alta de 5,2%. Como não se nota desaceleração da atividade neste último trimestre é bem provável que o resultado final do PIB supere os 5%.

A produtividade da indústria de transformação, impulsionada por fortes investimentos, cresceu 4,2% entre janeiro e outubro. De janeiro a novembro, o emprego industrial em São Paulo teve alta de 8,6% sobre igual período de 2007. Os índices nacionais de emprego, medidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), também dão conta de bom desempenho. O aumento da massa salarial, a criação de novos empregos e a aceleração do crédito bancário formaram um tripé que resultou em mais consumo por parte das famílias.

O investimento em máquinas e ampliação de instalações destinadas à produção também cresceu em níveis bem superiores aos de 2006. Este é um indicador (formação bruta de capital fixo) espe-

cialmente importante, pois revela a disposição dos empresários de aumentar a capacidade de produção para atender à alta da demanda. Quando demanda e oferta andam juntas, é menor ou nula a pressão sobre os preços.

A esses bons números contrapuseram-se outros. Houve aumento da inflação e o superávit em conta corrente aponta agora, depois de muito tempo, para uma tendência deficitária, que também pode perdurar. O aumento da inflação foi provocado pela alta dos alimentos, que é um fenômeno sazonal. A inflação merece, sempre, todo cuidado, mas, até onde se pode supor, a alta verificada não indica qualquer desajuste estrutural mais grave. O déficit em conta corrente, por sua vez, era esperado. O que o causou foi um aumento importante na remessa de dividendos e lucros. Aumento que pode ser interpretado como fruto do bom desempenho das empresas que operam no Brasil. Se fosse o contrário, simplesmente não haveria dividendos ou lucros a exportar.

Tomando esses indicadores em seu conjunto, percebe-se o início de um ciclo econômico positivo, que há muito não víamos. Por essa razão, empresas investem em ampliação da capacidade produtiva, apostando em um período de crescimento econômico prolon-

gado. As pessoas adquiriram confiança no futuro e assumem compromissos de longo prazo para a compra da casa própria. O crédito bancário também se expande com o financiamento de veículos e linhas à pessoa física.

A boa gestão da política monetária pelo Banco Central (BC) é, sem dúvida, uma das responsáveis por essa maior previsibilidade econômica, fator indispensável para gerar capacidade de planejamento a empresários e trabalhadores. Há quanto tempo não observávamos um cenário como este?

Como, em economia, toda precaução é pouca e toda previsão é arriscada, vamos fazer uma pausa para analisar as dificuldades mundiais. O Brasil foi certamente beneficiado nos últimos anos pela grande liquidez internacional e pelo período prolongado de crescimento econômico dos países desenvolvidos. Mas, agora, há um clima de incerteza, que foi deflagrado pelo problema das hipotecas de alto risco nos Estados Unidos. E ninguém sabe ainda onde essa história terminará.

Seja como for, essa crise contra o Brasil mais protegido, com fundamentos econômicos consistentes, com reservas cambiais sólidas, compromisso explícito de responsabilidade fiscal e uma política econômica direcio-

nada para a sustentabilidade. Além disso, o mundo mudou. O vigor econômico exibido pelos países emergentes pode compensar a eventual desaceleração nas economias desenvolvidas.

Os bons resultados de 2007 provam que a estabilidade econômica, construída com afinco, permitiu que a economia brasileira realizasse suas potencialidades. Mas, para obter um desenvolvimento econômico vigoroso, com crescimento do PIB da ordem de 7% ao ano ou mais, temos ainda uma boa estrada a percorrer. Todos sabem o que é preciso ser feito. São as reformas estruturais (previdenciária, trabalhista e tributária), a melhoria do ambiente de negócios (ainda sofrível no Brasil), os investimentos inadiáveis em infra-estrutura. E também a contenção dos gastos públicos e o aumento da produtividade do setor estatal.

O Brasil pode hoje enfrentar a crise internacional com mais tranquilidade graças aos seus bons fundamentos. Mas também não devemos nos considerar imunes a ela. Esses problemas são importantes, pois nos lembram de manter os pés no chão, que o risco existe e que as coisas podem mudar rapidamente. Em 2008, teremos um cenário econômico favorável suficiente para continuar fazendo a lição de casa, pois é em momentos de fartura que devemos nos preparar para enfrentar adversidades, se elas vierem.

* Presidente do Bradesco. Próximo artigo do autor em 8 de fevereiro

É nos momentos de fartura que devemos nos preparar para adversidades

